

Mundo

De mal a pior

Do equilíbrio do terror, ao desequilíbrio do terror



A tragédia de Beslan, no início de setembro na Ossétia do Norte, uma das repúblicas semi-autônomas que compõem a Federação Russa, foi apresentada pelo presidente Vladimir Putin

como uma espécie de 11 de Setembro local. Sintomaticamente, dias após o ocorrido, o chefe do Estado-Maior russo anunciou que seu país se considerava, assim como os EUA já o tinham feito anteriormente, no direito de caçar terroristas em qualquer lugar do mundo, para prevenir-se de novos ataques.

Não deixa de ser irônico que russos e americanos estejam alarmados com o terrorismo. Durante a Guerra Fria, que protagonizaram, os seus arsenais nucleares eram a grande ameaça que aterrorizava o mundo. Paradoxalmente, quando essa fase se encerrou com a *débâcle* soviética, surgiu o novo terrorismo, baseado em um tipo particular de interpretação do islamismo. Ao contrário da Guerra Fria, quando boa parte dos recursos de URSS e EUA era empregado na produção de armas cada vez mais sofisticadas, o novo terrorismo se baseia principalmente nos militantes e em equipamentos baratos e tecnicamente rudimentares.

O exemplo de Osama As duas superpotências da época estiveram envolvidas na gestação desse novo fenômeno global. Foi no Afeganistão, ocupado nos anos 1980 pelos soviéticos, que surgiram os *mujahidin*, combatentes da seita sunita *wahabita*, treinados no Paquistão com amplo apoio dos EUA e da Arábia Saudita. Agora, sob a liderança ideológica de dois desses ex-*mujahidin*, Osama bin Laden e Ayman al-Zawahri, eles atuam em diversos cantos do mundo e mantém EUA, Rússia e vários países da Europa sob constante alerta.

O jornalista britânico Jason Burton, autor de *Al Qaeda*, livro recém-lançado, diz que até os grandes atentados contra Nova York e Washington, Bin Laden exercia uma influência significativa nesse movimento. Depois da invasão do Afeganistão, segundo ele, ocorreu uma internacionalização da ideologia islâmica radical. Ele diz que há uma profunda incompreensão sobre o que seja a Al Qaeda: não se trata de um grupo organizado hierarquicamente, mas de um modo de pensar e agir, que se inspira em Bin Laden. Assim, tentar destruir a Al Qaeda fisicamente é impossível, já que se trata de uma ideologia, é sua conclusão.

Giandomenico Picco, o ex-subsecretário-geral da Organização das Nações Unidas, que negociou com o movi-

mento islâmico Hezbollah entre 1989 e 1992 no Líbano e esteve envolvido nos acordos que encerraram a guerra entre Irã e Iraque, vê o problema do mesmo ângulo. Ele aponta diferenças básicas entre as antigas formas de terrorismo e as novas. O velho terrorismo, com o qual ele negociou, é o que chama de "tático" - os grupos utilizam métodos terroristas como um estágio da luta, que tem objetivos políticos. Além disso, essas organizações escolhem cuidadosamente seus inimigos e procuram não multiplicá-los. Também faz parte de seus métodos a negociação. Por último, destaca Picco, o terrorismo "tático" é enraizado num determinado território.

O ex-subsecretário-geral da ONU chama os novos terroristas de "estratégicos": eles não têm objetivos políticos definidos e são milenaristas, pretendem a conversão de todos ao Islã. Ao contrário dos "táticos", atacam de forma ampla, multiplicando seus inimigos, com quem freqüentemente não negociam. Além disso, formam uma organização ideológica, sem base territorial. A consequência prática dessas diferenças, diz Picco, é que enquanto "os terroristas 'táticos' podem se transformar e continuar a viver sem um inimigo", tornando-se partidos políticos, "a Al Qaeda não pode fazer isso". "Sem um alvo inimigo eles se desintegrarão como neve".

A invasão do Iraque ajudou Picco e Burton convergem em boa parte do diagnóstico mas divergem nas conclusões. Picco diz que "desde o 11 de Setembro, o objetivo dos terroristas estratégicos tem sido mobilizar as massas muçulmanas e, particularmente, os árabes". "Eles fracassaram", conclui. Já Burton vê na invasão do Iraque, um abre-alas para o caminho escolhido pelos inspiradores da Al Qaeda. "O objetivo de Osama bin Laden cinco anos atrás, que era mobilizar e radicalizar a maior quantidade de pessoas possível no Oriente Médio", está mais próximo de ser alcançado do que o objetivo dos EUA e seus aliados, diz ele. Nesse ponto, Burton parece ter razão. A invasão do Iraque ajudou, sem dúvida, a gerar o tipo de ambiente em que são recrutados os homens e mulheres que se engajam no novo terrorismo. Assim como a guerra da Tchetchênia, que está na raiz de Beslan.

Há ainda um outro fator que facilita o recrutamento dos novos terroristas: as condições de vida dos imigrantes muçulmanos em muitos países ricos. Segundo a pesquisadora americana Karin von Hippel, "há evidências de que alguns imigrantes ou asilados juntam-se a organizações terroristas depois de terem sido aliados ou vítimas de preconceitos nos países para onde tinham ido tentar uma vida melhor". Ou seja: a globalização, cujo marco político essencial foi o desmoronamento do sistema de equilíbrio do terror por duas superpotências, pode estar disseminando o terrorismo de novo tipo. ■